

EPÍSTOLA AOS HEBREUS

AD EXPERIMENTUM

Texto provisório,
destinado à recolha de contributos dos leitores,
no sentido de aperfeiçoar a sua compreensibilidade.
Os comentários devem ser enviados para o endereço eletrónico:
biblia.cep@gmail.com

Versão de 1 de maio de 2025

INTRODUÇÃO

A Carta aos Hebreus está centrada na pessoa de Jesus, não apenas como figura histórica, mas como o Filho de Deus presente e atuante na vida dos fiéis como mediador, que *vive perpetuamente para interceder por eles* (7,25); com efeito, *Jesus Cristo é o mesmo, ontem, hoje e para sempre* (13,8). Sem que proceda de uma família sacerdotal, Jesus é apresentado como sumo sacerdote, mediante uma argumentação bíblica firmemente estruturada; aliás, nenhum outro livro do NT encerra um tão grande número de citações explícitas do AT, nem apresenta expressamente Jesus como sacerdote.

Género literário

A epístola começa com um solene prólogo doutrinal, sem a habitual saudação, indicação do autor e dos destinatários. No corpo da obra não há referências pessoais ao seu autor, que aparece como alguém que fala em nome da comunidade (cf. 2,5; 5,11; 6,9; 8,1; 9,5; 11,32). O estilo solene e oratório não condiz com o género epistolar, assemelhando-se mais a um discurso que interpela vivamente o seu auditório, animando, admostando e louvando; o autor chega mesmo a classificar o seu escrito como *palavra* ou *discurso de exortação* (13,22), que é a mesma expressão usada em Atos dos Apóstolos para designar o sermão de S. Paulo na sinagoga de Antioquia da Pisídia (At 13,15). No entanto, a carta termina com as características próprias do género epistolar, com referências pessoais e saudações típicas (13,19.22-25). Poderemos, pois, estar perante uma pregação escrita, possivelmente enviada a uma comunidade distinta da dos ouvintes, acompanhada de uma nota pessoal.

Autor e canonicidade

Os mss. gregos mais antigos colocam a carta, ainda que em várias posições no cânone, sempre entre os escritos paulinos, sinal de que a consideravam uma obra do apóstolo.

Assim, em todo o Oriente, sempre foi tida como uma carta canónica e quase todos consideraram que o autor é S. Paulo, embora a Orígenes não tenha escapado o problema da autoria paulina: *«Eu diria que os pensamentos são do apóstolo, mas o estilo e a composição são de alguém que evocava a memória dos ensinamentos do apóstolo... Quem escreveu a carta? Só Deus o sabe»* (Eusébio, *História Eclesiástica*, 6, 25, 13).

No Ocidente, embora já citada por Clemente no séc. I, tardou em ser reconhecida por todos como escrito inspirado e canónico, não aparecendo no Cânone de Muratori, nem em Santo Ireneu. Tal deveu-se às dúvidas quanto à autoria paulina e ao uso que dela fizeram grupos heréticos, como novicianos e montanistas, no sentido de negarem qualquer possibilidade de reconciliação para os que tivessem apostatado da fé cristã ou mesmo pecado gravemente depois do batismo, fazendo uma leitura

rigorista de passagens como 6,4-8 e 10,26-31. No séc. IV, a obra foi aceite por todos como paulina e canónica, embora alguns, como S. Jerónimo, mantivessem a dúvida sobre a sua autoria paulina. Esta voltou a ser negada no séc. XVI por Erasmo, Lutero e Calvino, e hoje a maioria dos estudiosos pensa da mesma maneira. De facto, o autor é um mestre que não se considera apóstolo, colocando-se, pelo contrário, num segundo plano (2,3; 13,7); nunca usa a expressão *em Cristo*, tipicamente paulina; o estilo, a linguagem e o tema central não correspondem aos dos escritos paulinos. No entanto, as afinidades com a doutrina cristológica e soteriológica de Paulo levam a que grande parte dos estudiosos considere que o seu autor é alguém ligado ao apóstolo, embora se discuta quem: Apolo, Clemente, Barnabé, Lucas, Silas, entre outros.

Destinatários, data e lugar da redação

O seu título, *Aos Hebreus*, apesar de remontar ao séc. II, só se justifica pelas múltiplas citações do AT e, sobretudo, pelas pormenorizadas referências ao culto judaico. O texto é dirigido não aos chefes da comunidade (13,17), mas a cristãos (cf. 3,14) não recentemente convertidos (cf. 5,12), que já não têm entre eles os seus primeiros pastores (cf. 13,7), e que viviam num ambiente hostil e mesmo de perseguição (cf. 10,32-35), sujeitos ao desalento e até à apostasia (cf. 3,12s; 4,1.11; 6,4-9; 12,3.12.15-17). Não se sabe ao certo quem eram, mas provavelmente constituiriam um grupo em que predominavam os judeu-cristãos de origem helenista, visto que o original da carta parece ter sido redigido em grego. Embora não se saiba em que cidade esta comunidade habitava, Jerusalém parece ser uma hipótese provável (cf. At 6,1; 8,1).

A data da composição parece ser anterior à destruição do templo no ano 70. É certo que as frequentes alusões ao culto do santuário (8,4; 9,7.13.25; 10,1s; 13,11) não servem de prova decisiva de que a obra foi escrita durante a vigência do templo, uma vez que a argumentação usada teria valor como uma simples referência à regulamentação ideal da lei mosaica. Mas a verdade é que se, com a destruição do templo, o culto levítico já não estivesse em vigor, o autor não deixaria de referir este desastre, que seria a melhor prova da verdade do seu ensino sobre a caducidade do culto antigo (cf. 7,11-19; 9,1-14).

Quanto ao lugar em que foi redigida a carta, nada se pode dizer com certeza, pois a expressão *os da Itália vos saúdam* (13,24) não significa que tenha sido escrita ou mesmo enviada desde a Itália.

Conteúdo

Para além do prólogo e do epílogo, a carta apresenta três grandes unidades, dispostas em forma concêntrica. A unidade central, bastante desenvolvida, põe em evidência o valor incomparável do sacerdócio e do sacrifício de Cristo; organizada em paralelismos simétricos, une elementos expositivos e exortativos, tendo como núcleo, ou ponto capital, a afirmação de 8,1: *temos um sumo sacerdote que se sentou*

nos céus, à direita do trono da divina Majestade, o que está na base da exortação a uma vida cristã generosa.

No restante texto da carta também se encadeiam exortações parenéticas e ensinamentos doutrinários, nos quais ocupa um lugar central a tese (muito presente em Paulo) de que a obra da redenção da humanidade é levada a cabo pela mediação de Jesus Cristo que, com o sangue oferecido de uma vez para sempre no sacrifício da cruz, como sacerdote e vítima, expia os pecados de todos, inaugurando o culto novo e perpétuo da nova Lei.

Além deste título de sumo sacerdote, central e exclusivo desta carta, Jesus, em conformidade com a teologia do NT, é apresentado como *Filho de Deus, berdeiro, Messias, pastor, mediador, Senhor, santificador* e, além disso, como *o apóstolo e sumo sacerdote da fé que professamos* (3,1). É também chamado *precursor* (6,20), na medida em que, solidário e identificado conosco, exceto no pecado (4,15), entrou na pátria celeste, para onde nos encaminha.

Estrutura

Prólogo: A revelação divina definitiva (1,1-4)

I. A superioridade de Cristo como Filho (1,5 – 4,13)

II. O sacerdócio de Cristo, perfeito e para sempre (4,14 – 10,18)

III. A perseverança na fé (10,19 – 13,19)

Epílogo (13,20-25)

PRÓLOGO (1,1-4)^a

1 A Revelação divina definitiva

¹Muitas vezes e de muitos modos, falou Deus antigamente aos nossos pais pelos profetas; ²nestes dias, que são os últimos, falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas e por meio do qual também fez o universo^b.

³Ele, que é o esplendor^c da sua glória e a expressão da sua substância, e que tudo sustenta com a sua poderosa palavra, depois de ter realizado a purificação dos pecados, sentou-se nas alturas à direita da divina^d Majestade, ⁴tornando-se superior aos anjos, tanto quanto mais sublime do que o deles é o nome que recebeu em herança.

A SUPERIORIDADE DE CRISTO COMO FILHO (1,5 – 4,13)

Cristo é superior aos anjos

⁵Com efeito^e, a qual dos anjos disse Deus^f alguma vez:

«*Tu és meu Filho, Eu hoje te gerei*»^g?

E ainda:

«*Eu serei para Ele um Pai, e Ele será para mim um Filho*»^h?

⁶Quando, porém, introduziu o Primogênito no mundo, disse:

^a Com esta abertura solene, o leitor é situado perante a dignidade da figura central da carta, Jesus, na sua condição de revelador. Ressalta o contraste na atuação reveladora de Deus na história: *antigamente* e nos últimos dias, aos *antepassados* e a *nós*, pelos *profetas* e por alguém que é *Filho*, deixando claro que é nele que o Pai se revela de modo pleno e definitivo e já não de forma fragmentária, *muitas vezes* (isto é, aos poucos), e *de muitos modos*, como tinha sido em oráculos, sonhos e visões. Jesus é o Messias de Deus, *verdadeiro* universal (cf. Sl 2,8), não em virtude de uma sucessão, mas de uma posse em plenitude; associado à obra da criação do universo, Ele é um só com o Pai, como *esplendor da sua glória* (tal como o brilho do Sol é uma só coisa com ele) e, ao mesmo tempo, distinto dele, como *expressão* (*kharaktér*) *da sua substância* (o termo grego designa a marca ou cunho gravado pela matriz na moeda cunhada). Ele tem uma trajetória histórico-salvífica singular: intervém na obra da Criação e no governo do universo *com a sua poderosa palavra*; realiza a obra da redenção com a *purificação dos pecados*, para culminar na entronização, na glória celeste, à direita da Majestade (uma forma respeitosa de evitar dizer o nome de Deus), numa superioridade absoluta relativamente aos seres mais próximos de Deus (tema desenvolvido em seguida: vv.5-14). Esta superioridade vem-lhe do *nome*, ou seja, dignidade de Filho recebida do Pai.

^b Lit.: *os séculos* (cf. 1Cor 1,20 nota).

^c O termo pode ser entendido em sentido passivo (*reflexo, esplendor*) ou ativo (*irradiação*).

^d *Divina* é acrescento da tradução.

^e Com o recurso a uma leitura cristológica de textos em catadupa do AT, segundo a redação dos LXX, nos vv.5-14 demonstra-se a excelência de Jesus em relação aos anjos, a quem o mundo judaico dava uma importância extraordinária: Ele é Filho (v.5: Sl 2,7; 2Sm 7,14; 1Cr, 17,13; Heb 5,5), adorado pelos anjos (v.6: Sl 96 LXX,7; Dt 32,43 LXX), como servos que são (v.7: Sl 103 LXX,4), mas é também Deus, tal como se afirma nos vv.8-12, onde as palavras do Sl 44 LXX,7-8 são dirigidas pelo Pai ao Filho, chamando-o Deus (v.8) e Senhor (v.10: Sl 101 LXX,26-28; cf. Cl 1,16-18). A seção termina com a pergunta retórica do v.13 (Sl 109 LXX,1; cf. Mt 22,44; At 2,33-35), que lhe reconhece toda a primazia.

^f *Deus* é acrescento da tradução.

^g Sl 2,7.

^h 2Sm 7,14; 1Cr 17,13.

«Que o adorem todos os anjos de Deus»ⁱ.

⁷Enquanto diz a respeito dos anjos:

«Ele faz dos seus anjos espíritos
e dos seus servidores chama de fogo»^j,

⁸a respeito do Filho diz:

«O teu trono, ó Deus, subsiste pelos séculos dos séculos;
e o cetro da retidão é o cetro do teu reino.

⁹Amaste a justiça e odiaste a iniquidade,
por isso Deus, o teu Deus, te ungiu com o óleo da alegria,
preferindo-te aos teus companheiros»^k.

¹⁰E ainda:

«Tu, no princípio, ó Senhor, puseste os alicerces da terra,
e os céus são obra das tuas mãos.

¹¹Eles hão de desaparecer, mas Tu permaneces.
Envelhecerão todos como um vestido^l,

¹²Tu os hás de enrolar como se faz a um manto,
e serão trocados, como se fossem um vestido.

Mas Tu és sempre o mesmo,
e os teus anos não terão fim»^m.

¹³A qual dos anjos disse Deusⁿ alguma vez:

«Senta-te à minha direita
até que ponha os teus inimigos como estrado dos teus pés»^o?

¹⁴Porventura não são todos eles espíritos enviados em serviço^p, por causa daqueles que estão para receber em herança a salvação?

2 Exortação à perseverança na fé

¹Por isso^q, é necessário dedicarmos uma atenção muito maior àquilo que escutámos, para não nos desviarmos do rumo. ²Com efeito, se a palavra anunciada^r por meio de anjos se manteve válida, e se toda a transgressão e desobediência receberam uma justa punição, ³como haveremos nós de escapar, se descurarmos uma tão grande salvação? Foi esta mesma salvação que começou por ser anunciada pelo Senhor,

ⁱ Dt 32,43 LXX; Sl 96,7 (LXX).

^j Sl 103,4 (LXX).

^k Sl 44,7s (LXX).

^l Is 50,9.

^m Sl 101,26-28 (LXX).

ⁿ Deus é acrescento da tradução.

^o Sl 109,1 (LXX).

^p Lit.: *não são todos espíritos ministeriais enviados para serviço*.

^q Nos vv.1-4, a palavra que começou a ser pregada pelo Senhor (v.3), bem confirmada (vv.3b-4), exige a máxima atenção (v.1), pois é muito superior à palavra anunciada por meio dos anjos (v.2); é que segundo a tradição judaica a Lei de Moisés deveu-se à mediação dos anjos (cf. Gl 3,19).

^r Lit.: *falada* (o mesmo no v.3).

e que depois nos foi confirmada por aqueles que a tinham escutado, ⁴ao mesmo tempo que Deus dava testemunho com sinais, prodígios e todo o género de ações poderosas, e com os dons do Espírito Santo, distribuídos^a segundo a sua vontade.

Cristo, irmão dos homens, sofredor e glorioso

⁵Não foi a anjos que Deus submeteu o mundo que há de vir e do qual estamos a falar^b. ⁶Numa passagem da Escritura, alguém testemunhou precisamente isso, ao dizer^c:

«Que é o homem, para que te lembres dele, ou o filho do homem, para que dele cuídes?

⁷Fizeste-o um pouco inferior aos anjos; de glória e de honra o coroaste^d.

⁸Tudo submeteste a seus pés^e».

Com efeito, ao submeter-lhe todas as coisas, Deus^f nada deixou por lhe submeter. Todavia, ainda não vemos que tudo lhe esteja submetido; ⁹mas vemos Jesus, *que por pouco tempo foi inferior aos anjos, coroado de glória e de honra* por causa da morte que sofreu^g, a fim de que, pela graça de Deus, provasse a morte em favor de todos nós.

¹⁰De facto, ao querer conduzir muitos filhos à glória, convinha que Aquele, por causa de quem e por quem tudo existe, levasse à perfeição, por meio do sofrimento, o autor da salvação^h. ¹¹Pois tanto Aquele que santifica como os que são santificadosⁱ procedem todos de um só. Por essa razão, Ele não se envergonha de lhes chamar irmãos, ¹²quando diz:

«Hei de anunciar o teu nome aos meus irmãos, no meio da assembleia cantarei os teus louvores^j».

¹³E ainda:

^a Lit.: *com as repartições do Espírito Santo*.

^b Nos vv.5-9, o Sl 8,5-7 (LXX) é aplicado a Jesus para insistir na sua superioridade face aos anjos, apesar de, por momentos, aparecer em situação de inferioridade, em especial na hora da Paixão, uma humilhação que lhe trouxe a glorificação (cf. Flp 2,6-8).

^c Lit.: *mas alguém testemunhou algures*.

^d Muitos mss. acrescentam *e o colocaste sobre as obras das tuas mãos*.

^e Sl 8,5-7 (LXX).

^f Deus é acrescento da tradução.

^g Lit.: *por causa do sofrimento da morte*.

^h Lit.: *o autor da salvação deles*. Nos vv.10-18, o autor demonstra-nos a conveniência do plano salvador de Deus, através da plena participação de Jesus na nossa condição humana: *faz-se nosso irmão* (v.11), *solidário nos sofrimentos*, mas apoiado na confiança em Deus (vv.12s; cf. Is 8,17s LXX; Sl 21,23 LXX), para nos libertar da escravidão e da morte (vv.14-16). Aqui reside a original explicitação doutrinária de Hebreus e a ideia chave: Ele realiza a *expição dos pecados* como *sumo sacerdote misericordioso e fiel* (v.17).

ⁱ Verbo usado nos LXX para se referir à consagração sacerdotal (cf. Ex 29,9.29.33; Lv 16,32; 21,10; Nm 3,3).

^j Sl 21,23 (LXX). Este Sl é evocado na paixão (cf. Mt 27,43-46; Mc 15,34; Jo 19,24).

«*Eu porei nele a minha confiança*»^k.

E noutra passagem^l:

«*Eis-me aqui, com os filhos que Deus me deu*»^m.

¹⁴Uma vez que os filhos dos homensⁿ têm em comum a carne e o sangue^o, também Jesus participou dessa mesma natureza^p, a fim de, pela morte, destruir aquele que tem o poder da morte, isto é, o Diabo^q, ¹⁵e assim libertar aqueles que, por medo da morte, estavam para toda a vida sujeitos à escravidão. ¹⁶É que, de facto, Ele não veio em auxílio dos anjos, mas *veio em auxílio da descendência de Abraão*^r. ¹⁷Por isso, tinha de se tornar em tudo semelhante aos irmãos, para ser um sumo sacerdote misericordioso e fiel^s naquilo que diz respeito a Deus, e assim expiar os pecados do povo. ¹⁸É precisamente por ter sido provado pelo sofrimento^t que Ele é capaz de vir em socorro daqueles que passam pela provação.

3 Cristo é superior a Moisés

¹Portanto^u, irmãos santos^v, vós que sois participantes de uma vocação celeste, considerai como Jesus, o apóstolo^w e sumo sacerdote da fé que professamos, ²é fiel Àquele que assim o constituiu, como também o foi *Moisés na casa de Deus*^x. ³Ele, de facto, foi considerado digno de uma glória maior do que a de Moisés, na medida em que o construtor de uma casa tem maior dignidade do que ela^y. ⁴De facto, todas as casas são construídas por alguém, mas é Deus quem tudo constrói. ⁵*Moisés foi fiel na casa de Deus*, como *servo*^z, para dar testemunho daquilo que havia de ser anunciado; ⁶mas Cristo é fiel^{aa}, como Filho, posto à frente da sua casa. E essa casa somos nós, se mantivermos a confiança e a esperança de que nos gloriamos^{ab}.

^k Is 8,17.

^l Lit.: *novamente*.

^m Is 8,18.

ⁿ *Dos homens* é acrescento da tradução.

^o A expressão *a carne e o sangue* é um semitismo para referir a natureza humana (cf. Sir 14,18; 17,31; Mt 16,17; Gl 1,16; Ef 6,12).

^p Lit.: *e Ele participou deles igualmente*.

^q Para o judaísmo da diáspora grega a morte foi introduzida no mundo pelo Diabo, não fazendo parte do plano de Deus (cf. Sb 1,13; 2,23s).

^r Is 41,8.

^s Em Jesus cumpre-se a promessa messiânica de 1Sm 2,35.

^t Lit.: *no que sofreu*.

^u Para fundamentar a necessidade da fidelidade a Cristo, nos vv.1-6 o autor apresenta-o como *apóstolo e sumo sacerdote*, em contraposição com Moisés: enquanto este é *servo*, Jesus é *Filho*.

^v I.e. santificados pelo batismo.

^w É a única vez no NT que o título é usado em relação a Jesus, embora a ideia de que Ele *foi enviado pelo Pai* seja frequentemente usada por Jo.

^x Lit.: *em toda a casa dele* (o mesmo no v.5). Nm 12,7.

^y Lit.: *segundo quanto maior honra do que a casa tem quem a construiu*.

^z Nm 12,7.

^{aa} *Fiel* é acrescento da tradução.

^{ab} Muitos mss. acrescentam *firme até ao fim*.

Exortação a entrar no repouso de Deus

⁷Por isso^a, como diz o Espírito Santo:

«*Hoje, se escutardes a sua voz,*

⁸*não endureçais os vossos corações,*
como aconteceu na revolta,
no dia da tentação no deserto,

⁹*onde os vossos pais me tentaram,*
pondo-me à prova,

apesar de terem visto as minhas obras,

¹⁰*durante quarenta anos.*

Por isso me indignei contra esta geração
e disse: andam sempre de coração extraviado^b;
não conheceram os meus caminhos.

¹¹*Assim, jurei na minha ira:*
não entrarão no meu repouso!^c».

¹²Tende cuidado, irmãos, para que não haja em nenhum de vós um coração mau e incrédulo, que o afaste do Deus vivo. ¹³Exortai-vos todos os dias uns aos outros, enquanto dura o tempo que se chama *hoje^d*, para que nenhum de vós se deixe endurecer pela sedução do pecado. ¹⁴De facto, nós tornámo-nos e somos^e participantes de Cristo, desde que mantenhemos a confiança inicial firme até ao fim. ¹⁵Quando se diz:

«*Hoje, se escutardes a sua voz,*
não endureçais os vossos corações,
como aconteceu na revolta^f»^g,

¹⁶quem foram esses que, depois de terem ouvido a sua voz^g, se revoltaram? Não foram, porventura, todos os que saíram do Egito, conduzidos por Moisés^h? ¹⁷E contra quem *se indignou Deusⁱ durante quarenta anos*? Não foi contra os que pecaram e cujos *cadáveres ficaram tombados no deserto^j*? ¹⁸E a quem *jurou que não entrariam*

^a Nos vv.3,7-4,13, a partir do Sl 95,7-11, é apresentada uma longa advertência, para que o ouvinte não caia na mesma infidelidade dos judeus na peregrinação do deserto (cf. Nm 14s), não alcançando a meta, o descanso de Deus. Este, para os hebreus, era a terra prometida da Palestina; para os cristãos, o santuário celeste, segundo a imagem do descanso sabático do próprio Deus (Gn 2,2; cf. Ex 20,11). Esta passagem é um exemplo de uma leitura atualizante da palavra de Deus (3,13; 4,2). Os vv. finais exaltam a força desta palavra que, sendo como uma espada (cf. Is 49,2; Sb 18,15; Ef 6,17), penetra até ao mais íntimo do ser humano, a tal ponto que nada nem ninguém pode escapar ao seu juízo inapelável.

^b Lit.: *sempre se extraviavam no coração.*

^c Sl 95,7-11.

^d Lit.: *enquanto o hoje é chamado.*

^e *Tornámo-nos e somos* corresponde a uma só forma verbal em grego.

^f Sl 95,7.

^g *A sua voz* é acrescento da tradução.

^h Lit.: *por meio de Moisés.*

ⁱ *Deus* é acrescento da tradução.

^j Nm 14,29.

no seu repouso, senão àqueles que desobedeceram? ¹⁹Assim, vemos que foi por causa da sua incredulidade que eles não puderam entrar.

4 ¹Portanto, embora se mantenha em vigor a promessa de entrar no repouso de Deus^k, temos receio que algum de vós seja considerado excluído. ²É que também a nós, como a eles, foi anunciada a boa nova; no entanto, de nada lhes aproveitou a Palavra que escutaram, por não terem ficado unidos pela fé àqueles que também a tinham escutado. ³Pois somos nós, os que acreditámos, que entramos no repouso, tal como está dito:

*«Assim jurei na minha ira:
não entrarão no meu repouso!»^l.*

Isto apesar de as obras de Deus estarem terminadas desde a criação do mundo, ⁴pois está dito numa passagem da Escritura^m, a propósito do sétimo dia: *«E no sétimo dia Deus repousou de todas as suas obras»ⁿ*; ⁵e nesta passagem acrescenta^o: *«Não entrarão no meu repouso!»^p.*

⁶Portanto, tendo em conta que é para alguns que está reservado entrar nele, e que os primeiros a receber o anúncio da boa nova não entraram devido à sua desobediência, ⁷Deus^q volta a fixar um dia – *um hoje* – quando tanto tempo depois diz, por meio de David, aquilo que já foi citado^r:

*«Hoje, se escutardes a sua voz,
não endureçais os vossos corações»^s.*

⁸Com efeito, se Josué lhes tivesse assegurado este repouso, Deus^t não teria, depois disso, falado de outro dia. ⁹Por conseguinte, continua reservado um repouso sabático para o povo de Deus. ¹⁰Assim, aquele que entra no seu repouso repousa também dos seus trabalhos, tal como Deus repousou das suas obras.

¹¹Esforcemo-nos, pois, por entrar nesse repouso, para que ninguém caia no mesmo género de desobediência. ¹²De facto, a palavra de Deus é viva e eficaz, mais cortante do que uma espada de dois gumes; penetra até ao ponto de divisão da alma e do espírito, das articulações e das medulas, e é capaz de discernir os pensamentos e as intenções do coração. ¹³Não há criatura que, na sua presença, permaneça oculta: tudo fica a nu e a descoberto aos olhos daquele a quem temos de prestar contas.

^k Lit.: *dele*.

^l Sl 95,11.

^m *Escritura* é acrescento da tradução.

ⁿ Gn 2,2.

^o Lit.: *e nesta de novo*.

^p Sl 95,11.

^q *Deus* é acrescento da tradução.

^r Lit.: *tal como dito antes*.

^s Sl 95,7s.

^t *Deus* é acrescento da tradução.

O SACERDÓCIO DE CRISTO, PERFEITO E PARA SEMPRE

(4,14 – 10,18)

Cristo, sumo sacerdote misericordioso

¹⁴Tendo nós^a um grande sumo sacerdote, que atravessou os céus, Jesus, o Filho de Deus, permaneçamos firmes na profissão da fé^b. ¹⁵Com efeito, nós não temos um sumo sacerdote incapaz de se compadecer das nossas fraquezas; pelo contrário, Ele passou por todas as provações, tal como nós, exceto pelo pecado. ¹⁶Portanto, vamos com confiança ao trono da graça, a fim de alcançarmos misericórdia e encontrarmos graça, para que possamos ser socorridos no momento oportuno^c.

S ¹Com efeito, todo o sumo sacerdote, escolhido de entre os homens, é constituído em favor dos homens, nas suas relações com Deus, para oferecer dons e sacrifícios pelos pecados. ²Ele é capaz de se compadecer dos ignorantes e extraviados, porque também ele está sujeito à debilidade. ³E é por causa dela que deve oferecer sacrifícios pelos pecados, tanto pelos do povo, como pelos seus. ⁴Ninguém atribui a si próprio uma tal honra, senão quem foi chamado por Deus, como Aarão.

⁵Assim também, não foi Cristo que se glorificou a si mesmo tornando-se sumo sacerdote, mas fê-lo^d Aquele que lhe disse:

«*Tu és meu Filho, Eu hoje te gerei*»^e,

⁶e que disse, ainda, noutra passagem^f:

«*Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedec*»^g.

⁷Nos dias da sua vida terrena^h, Ele dirigiu preces e súplicas, com grandes clamores e lágrimas, Àquele que o podia salvar da morte, e foi escutadoⁱ por causa da sua piedade. ⁸Apesar de ser Filho, foi a partir daquilo que sofreu que aprendeu a obediência; ⁹levado à perfeição no seu ministério^j, tornou-se causa de salvação eterna para todos

^a A secção de 4,14-5,10 começa com uma exortação (vv.14-16) seguida de um desenvolvimento doutrinal. Jesus não é sumo sacerdote como o do templo de Jerusalém, pois é Filho de Deus. O autor expõe como Jesus satisfaz os requisitos da condição sacerdotal (5,1-4), que lhe foi outorgada pelo Pai (vv.5s) e que Ele cumpriu pela sua obediência total, embora com um sacerdócio distinto do levítico, ideia que vai desenvolver no cap. 7.

^b *Da fé* é acrescento da tradução.

^c Lit.: *para auxílio oportuno*.

^d *Fê-lo* é acrescento da tradução.

^e Sl 2,7.

^f Lit.: *tal como também noutra diz*.

^g Sl 110,4.

^h Lit.: *nos dias da sua carne*.

ⁱ Se as súplicas com lágrimas se referem à oração no Getsémani, pode dizer-se que Jesus *foi atendido*, ao ser plenamente obediente à vontade do Pai (Mt 26,39.42; cf. Jo 19,30).

^j Lit.: *foi consumado*, ou seja, atingiu a plenitude da sua mediação, não só enquanto sacerdote, mas também como vítima.

os que lhe obedecem,¹⁰ tendo sido proclamado por Deus sumo sacerdote *segundo a ordem de Melquisedec*^k.

Necessidade de uma fé sólida

¹¹Muito teríamos a dizer acerca deste assunto^l, mas é difícil explicá-lo, visto que sois lentos em compreender^m. ¹²Com efeito, vós que, tendo em conta o tempo decorrido, devíeis ser mestres, ainda tendes necessidade de que alguém vos ensine os princípios elementares das palavras de Deus; em vez de alimento sólido, ainda necessitais de leiteⁿ. ¹³Ora, quem se alimenta de leite não tem experiência suficiente para entender o discurso da justiça^o, pois é como uma criança. ¹⁴O alimento sólido é para os adultos, para aqueles que, pela prática, já têm bem exercitada a faculdade de discernir o bem do mal.

6 ¹Portanto, deixando de parte este discurso elementar sobre Cristo, avancemos para outro mais perfeito, sem ter de voltar a lançar os seus fundamentos, como seja a renúncia^p às obras mortas^q, a fé em Deus,² o ensinamento sobre os batismos^r, a imposição das mãos, a ressurreição dos mortos e o juízo eterno. ³E é isso que faremos, se Deus o permitir.

⁴De facto, é impossível àqueles que foram iluminados de uma vez para sempre – que saborearam o dom celeste e se tornaram participantes do Espírito Santo,⁵ que saborearam a beleza da palavra de Deus e as maravilhas do mundo que há de vir – ⁶e que ainda assim caíram, é-lhes impossível renovar a conversão uma segunda vez^s, já que assim, por sua parte, eles crucificam de novo o Filho de Deus e o expõem ao escárnio^t. ⁷Com efeito, quando a terra bebe a chuva que tantas vezes sobre ela

^k Os vv.9s apresentam três notas distintivas do sacerdócio de Jesus, que são desenvolvidas posteriormente: um sacerdócio segundo a ordem de Melquisedec (6,20-7,27; cf. Sl 110,4), dotado de perfeição (7,28-9,27), e causa de salvação eterna (9,28-10,18).

^l Lit.: *acerca disto existe para nós muita palavra*. A secção de 5,11-6,20 apresenta três séries de exortações: à maturidade cristã (5,11-6,3), a evitar o perigo da apostasia (vv.4-12) e a confiar nas promessas de Deus (vv.13-20).

^m Lit.: *vos tornastes preguiçosos para os ouvidos*.

ⁿ Lit.: *tornastes-vos (como) tendo necessidade de leite e não de alimento sólido*.

^o Lit.: *é inexperiente de palavra de justiça*. Esta expressão poderá designar a palavra de Deus, sobretudo o ensinamento sobre a sua justiça, revelada no sumo sacerdócio de Cristo, prefigurado em Melquisedec, o rei da justiça (7,2).

^p Ou *conversão das obras mortas*, no sentido de as abandonar; *mortas*, porque realizadas fora de Cristo e da sua salvação e, por isso, fruto do pecado e conducentes à morte.

^q Ou seja, obras realizadas sem a fé, que conduz à vida.

^r A expressão, no plural, poderá ser uma referência à distinção entre a prática ritual judaica da imersão e o batismo cristão.

^s Lit.: *novamente*.

^t Montanistas e novacianos interpretaram à letra os vv.4-6, negando a possibilidade do perdão aos que renegam a fé. Do que se fala, porém, é da impossibilidade da salvação enquanto o apóstata permanecer no erro, cuja gravidade é comparável ao ato de crucificar Jesus. Outra interpretação lê a afirmação no sentido da impossibilidade de um segundo batismo.

cai e produz plantas úteis para aqueles que a cultivam, recebe a bênção de Deus; ⁸mas, se *produz espinhos e cardos*, é inútil e fica próxima da *maldição*: o seu fim é ser queimada.

⁹Mas quanto a vós, amados irmãos^a, ainda que falemos desta maneira, estamos certos de que vos encontrais em condições melhores, no que diz respeito à salvação. ¹⁰Pois Deus não é injusto de modo a esquecer o vosso trabalho e o amor que mostrastes pelo seu nome, ao terdes servido os santos^b e ao continuardes a servi-los. ¹¹Desejamos que cada um de vós demonstre esse empenho até ao fim, para que a vossa esperança atinja a sua plenitude^c, ¹²de modo a que não vos torneis indolentes, mas sim imitadores daqueles que, por meio da fé e da paciência, são os herdeiros da promessa.

Esperança segura nas promessas de Deus

¹³Quando fez a promessa a Abraão, Deus, por não ter ninguém maior por quem jurar, *jurou por si mesmo*, ¹⁴dizendo: «Cumular-te-ei de bênçãos e multiplicarei a tua descendência»^d. ¹⁵E assim, depois de ter esperado com paciência, Abraão^e obteve aquilo que tinha sido prometido^f. ¹⁶De facto, os homens juram por alguém maior do que eles, e o juramento é para eles uma garantia que põe fim a qualquer controvérsia. ¹⁷Por isso, Deus, querendo mostrar com maior ênfase aos herdeiros da promessa o carácter irrevogável da sua decisão, comprometeu-se com um juramento, ¹⁸para que, graças a dois atos irrevogáveis^g, nos quais é impossível que Deus minta, nós, que nele^h procurámos refúgio, tenhamos um forte incentivo para nos agarrarmos à esperança que nos foi colocada diante de nósⁱ. ¹⁹Temos nela como que uma âncora da alma, segura e firme, que penetra para além do véu do santuário^j, ²⁰onde Jesus entrou como nosso precursor, tornando-se *para sempre* sumo sacerdote *segundo a ordem de Melquisedec*^k.

7 Melquisedec, figura de Cristo sacerdote

¹Com efeito^l, este *Melquisedec, rei de Salém, sacerdote do Deus Altíssimo, foi ao encontro de Abraão, quando este regressava da derrota que infligiu aos reis, e*

^a *Irmãos* é acrescento de alguns mss.

^b Ou seja, os que foram santificados pelo batismo, os cristãos.

^c Lit.: *para plenitude da esperança*.

^d Gn 22,17. Lit.: *certamente abençoando te abençoarei e multiplicando multiplicar-te-ei*.

^e *Abraão* é acrescento da tradução.

^f Lit.: *alcançou a promessa*.

^g Isto é, a promessa de Deus e o seu juramento (cf. Gn 12,1-3, Heb 11,8).

^h *Nele* é acrescento da tradução.

ⁱ *De nós* é acrescento da tradução.

^j *Do santuário* é acrescento da tradução.

^k Sl 110,4.

^l Nos vv.1-3, com base em Gn 14,17-20, mostra-se como o sacerdócio de Jesus cumpre o modelo profético do sacerdócio eterno do Sl 110, recorrendo ao argumento rabínico do silêncio, segundo o qual *o que não está na Torá não está no mundo*; assim, o facto de não se falar nem da genealogia nem do

abençoou-o^m; ²Abraão entregou-lheⁿ, então, o *dízimo de todas as coisas*. O seu nome^o significa, em primeiro lugar, «rei de justiça», mas também *rei de Salém*, isto é, «rei de paz». ³Sem pai, sem mãe e sem genealogia, sem princípio para os seus dias nem um fim para a sua vida ou genealogia, ele assemelha-se assim ao Filho de Deus e permanece sacerdote para sempre.

O sacerdócio de Melquisedec, superior ao de Levi

⁴Considerai, pois, como era grande este a quem o patriarca Abraão deu o *dízimo dos melhores despojos*^p. ⁵É certo que os filhos de Levi que recebem o sacerdócio têm, segundo a lei, o mandato de receber o *dízimo do povo*, isto é, dos seus irmãos, embora eles sejam também da descendência^q de Abraão. ⁶Mas aquele, que não era da sua linhagem, recebeu o *dízimo de Abraão* e abençoou o depositário das promessas. ⁷Ora, não há dúvida nenhuma de que é o inferior que é abençoado pelo superior. ⁸Num caso, os que recebem o *dízimo* são homens mortais, enquanto no outro é alguém de quem se atesta que está vivo. ⁹E até se pode dizer que Levi, que devia receber o *dízimo*, o pagou por meio de Abraão, ¹⁰visto que ainda estava nas entranhas^r de seu pai, quando *Melquisedec foi ao seu encontro*^s.

¹¹Portanto, se a perfeição tivesse sido alcançada por meio do sacerdócio levítico – pois foi nele que o povo recebeu a Lei – que necessidade haveria de que surgisse outro *sacerdote segundo a ordem de Melquisedec*^t, e não *segundo a ordem de Aarão*? ¹²Com efeito, ao haver uma mudança no sacerdócio, ocorre necessariamente uma mudança de lei. ¹³Pois Aquele de quem se dizem estas coisas pertencia a outra tribo, da qual ninguém se dedicou ao serviço^u do altar. ¹⁴De facto, é evidente que nosso Senhor provém de Judá, tribo à qual Moisés nunca se referiu ao falar da função sacerdotal.

¹⁵E isto é ainda mais evidente quando surge um outro *sacerdote à semelhança de Melquisedec*^v, ¹⁶que foi constituído como tal, não segundo a lei de uma norma que

princípio e do fim de vida de Melquisedec, significa que tem uma origem celestial, o que condiz com a condição de Cristo, sacerdote eterno.

^m Gn 14,17-20.

ⁿ Lit.: *dividiu*.

^o *Nome* é acrescento da tradução.

^p A argumentação dos vv.4-17 parte de dois princípios: o facto de serem os levitas a receber habitualmente o *dízimo*, e o de Levi (e, portanto, a sua tribo) estar ainda *nas entranhas de Abraão* (v.10), na medida em que este é o seu bisavô. Ao pagar o *dízimo* a Melquisedec, Abraão (e, conseqüentemente, Levi) manifesta a superioridade do sacerdócio daquele em relação ao sacerdócio levítico. Assim, anuncia-se *uma mudança da lei* (v.12), que já não assenta na genealogia da tribo levítica (*descendência carnal*), mas na *vida indestrutível* de Jesus ressuscitado (v.16).

^q Lit.: *do baixo-ventre*, isto é, a zona onde se encontram os órgãos sexuais (cf. v.10).

^r Cf. v.5 nota.

^s Gn 14,17.

^t Sl 110,4.

^u *Ao serviço* é acrescento da tradução.

^v Sl 110,4.

diz respeito à descendência carnal^a, mas segundo o poder de uma vida indestrutível^b.

¹⁷Com efeito, é dele que se dá este testemunho:

«*Tu és sacerdote para sempre,
segundo a ordem de Melquisedec*»^c.

O sacerdócio de Cristo substitui o levítico

¹⁸Deste modo, por um lado, fica revogada a norma precedente, tendo em conta a sua ineficácia e inutilidade^d – ¹⁹pois a Lei não levou nada à perfeição – e, por outro, introduz-se uma esperança superior, pela qual nos podemos aproximar de Deus^e.

²⁰Ora, isso não foi feito sem um juramento. Os outros foram constituídos sacerdotes sem juramento, ²¹ao passo que Este o foi com um juramento feito por Aquele que lhe disse:

«*O Senhor jurou e não se arrependerá:
Tu és sacerdote para sempre*»^f.

²²Foi por isso que Jesus se tornou o garante de uma aliança superior.

²³Eles foram constituídos sacerdotes em grande número, porque a morte os impedia de durar para sempre; ²⁴mas Jesus^g, por permanecer para sempre, possui um sacerdócio perene. ²⁵É também por isso que Ele pode salvar de modo definitivo aqueles que por seu intermédio se aproximam de Deus: porque vive perpetuamente para interceder por eles.

²⁶Era precisamente Este o sumo sacerdote que nos convinha: santo, inocente, sem mancha, separado dos pecadores^h e elevado acima dos céus; ²⁷que não tem necessidade, como os sumos sacerdotes, de oferecer sacrifícios todos os dias, primeiro pelos seus próprios pecados, depois pelos do povo, visto que o fez de uma vez para sempre, quando se ofereceu a si mesmo. ²⁸A Lei constitui como sumos sacerdotes homens que têm fraquezas, mas a palavra do juramento, posterior à Lei, estabeleceu como sumo sacerdote o Filho, eternamente perfeito.

^a Lit.: *segundo lei de mandamento carnal*.

^b Segundo Ex 40,15, o sacerdócio aarónico era eterno.

^c Sl 110,4.

^d Os vv.18-28 apresentam o sacerdócio levítico como inútil e ineficaz, na medida em que não passava de uma introdução ao de Cristo.

^e A tribo de Levi, à qual não foi atribuído território, recebeu como missão o culto, pelo qual tinha o privilégio da proximidade a Deus, no Santo dos Santos (cf. Lv 10,3).

^f Sl 110,4. Muitos mss. acrescentam *segundo a ordem de Melquisedec*, para harmonizar com o v.17.

^g Lit.: *Ele*.

^h Na tradição judaica, o sumo sacerdote preparava-se para a oferta do *Yom Kippur* (Dia da Expição), ficando afastado da sua casa durante sete dias (cf. *mYoma* 1,1).

8 Cristo, sumo sacerdote de uma nova aliança

¹O principal ponto do que estamos a dizer é esteⁱ: nós temos um sumo sacerdote que se sentou nos céus, à direita do trono da divina^j Majestade. ²Ele é o ministro do santuário e da verdadeira tenda^k, levantada pelo Senhor e não pelo homem.

³Ora, é para oferecer dons e sacrifícios que todo o sumo sacerdote é constituído; portanto, é necessário que também Jesus^l tenha algo para oferecer. ⁴Pois bem, se Ele estivesse na terra, nem sequer seria sacerdote, visto que há outros que oferecem os dons segundo a Lei. ⁵Estes exercem um culto que é uma figura e uma sombra das realidades celestes, tal como foi revelado a Moisés a respeito de como se devia construir a tenda^m: «Olha!» – foi-lhe dito – «*Farás tudo segundo o modelo que te foi mostrado no monte*»ⁿ. ⁶Mas agora Jesus^o obteve um ministério tanto mais excelente, quanto superior é a aliança de que é mediador e que está fundada em promessas superiores.

⁷De facto, se a primeira aliança^p fosse perfeita^q, não teria havido lugar para uma segunda^r. ⁸Mas, repreendendo-os, Deus^s disse: «*Dias virão*» – diz o Senhor – «*em que Eu concluirei uma aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá. Não será como a aliança que fiz com os seus pais, no dia em que os tomei pela mão para os fazer sair da terra do Egipto. Visto que eles não permaneceram fiéis à minha aliança, também Eu os abandonei*» – diz o Senhor. ¹⁰«*Esta é a aliança que estabelecerei com a casa de Israel, depois daqueles dias*» – diz o Senhor – «*Porei as minhas leis na sua mente e gravá-las-ei no seu coração. Eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo. E ninguém mais terá de ensinar o seu concidadão ou o seu irmão, dizendo: “Conhece o Senhor!” Porque todos me conhecerão, do mais pequeno ao maior*», ¹²pois serei misericordioso para com as suas iniquidades e não mais me lembrarei dos seus pecados»^v.

¹³Ao falar de «nova» aliança, Deus^w tornou velha a primeira. Ora, aquilo que se tornou velho e obsoleto está prestes a desaparecer.

ⁱ No cap. 8, apresenta-se não só a superioridade do sacerdócio de Cristo e do novo santuário (vv.1-5), como também a sua mediação numa *aliança superior, a nova aliança* (vv.6-13).

^j *Divina* é acrescento da tradução.

^k Por contraposição à *tenda do encontro*, lugar da reunião do Senhor com Moisés e com o povo (Ex 33, 7-11; Nm 11,16s; 12,4-10; cf. Ex 29,42s; Lv 1,1).

^l Lit.: *Este*.

^m Lit.: *estando para completar a tenda*.

ⁿ Ex 25,40.

^o *Jesus* é acrescento da tradução.

^p *Aliança* é acrescento da tradução.

^q Lit.: *irrepreensível*.

^r Esta é uma tese paulina: a necessidade da nova aliança é consequência da insuficiência da Lei da primeira aliança (a *Torá*) para a salvação (cf. Rm 7,11-24).

^s *Deus* é acrescento da tradução.

^t O grego antepõe *vé/eis* (*que*).

^u Lit.: *até ao maior deles*.

^v Jr 31,31-34. Alguns mss. acrescentam, no final da citação, *das suas iniquidades*.

^w *Deus* é acrescento da tradução.

9 O culto da antiga aliança, imagem do novo

¹Também a primeira aliança^a tinha normas para o culto e um santuário terrestre.^b ²De facto, foi construída uma tenda, a primeira, chamada «o Santo»^c, na qual se encontrava o candelabro, a mesa, e os pães da oferenda. ³Atrás do segundo véu ficava a tenda chamada «santuário»^d, ⁴que continha o altar de ouro para o incenso e a arca da aliança, toda recoberta de ouro e na qual havia uma urna de ouro, contendo o maná, a vara de Aarão, que tinha florescido, e as tábuas da aliança. ⁵Por cima da arca estavam os querubins da glória, que cobriam o propiciatório com a sua sombra. Mas não é agora o momento para falar disto em pormenor.

⁶Ora, estando tudo assim disposto, os sacerdotes entravam frequentemente na primeira tenda para realizar o culto. ⁷Na segunda tenda^e, porém, apenas entrava o sumo sacerdote, uma vez por ano, levando o sangue^f que oferecia por si mesmo e pelos pecados que o povo cometera por ignorância^g. ⁸Com isto o Espírito Santo mostrava que enquanto a primeira tenda se mantivesse de pé, não seria visível o caminho para o santuário. ⁹Esta era uma espécie de prefiguração em relação ao tempo presente, no qual^h se continuam a oferecer dons e sacrifícios que não podem levar à perfeição, na sua consciência, aquele que exerce esse culto. ¹⁰São meras normas humanasⁱ, referentes a alimentos, bebidas e abluções diversas, e que estavam em vigor apenas até ao tempo em que seriam reformadas.

A nova aliança selada no sangue de Cristo

¹¹Cristo, porém, ao vir como sumo sacerdote dos bens futuros, atravessou uma tenda maior e mais perfeita, que não foi construída por mãos humanas, isto é, que não é deste mundo, ¹²e entrou de uma vez para sempre no santuário. Não o fez com o sangue de bodes e de bezerras, mas com o seu próprio sangue, obtendo assim uma redenção eterna. ¹³Pois, se o sangue de bodes e de touros e as cinzas de uma vitela, aspergidos sobre aqueles que estão impuros, os santificam, purificando-os na carne^j,

^a Aliança é acrescento da tradução.

^b O cap. 9 apresenta o santuário do deserto e os ritos antigos, em especial o da expiação anual, o *Yom Kippur*, como alegoria ou figura do novo culto (vv.1-10; cf. Ex 25,10-40; 26,31-34; Nm 17,16-26; 18,2-6; Lv 16,2-9.14-15). Cristo, com o seu sangue, ofereceu-se como vítima sacrificial definitiva, o único capaz de obter uma verdadeira purificação e a possibilidade da relação salvífica com Deus (vv.11-14), em virtude da sua condição divina (v.14: *um Espírito eterno*). Ele é o mediador da nova aliança (*diathêkê* em grego tanto significa *aliança* como *testamento*) através da sua morte (vv.15-17) e do seu sangue redentor (vv.18-22; cf. Mt 26,28), prefigurado no sacrifício da aliança mosaica (Ex 24,3-8). Tendo-se oferecido de uma só vez, entrou no santuário do céu, onde intercede *em nosso favor* e de onde há de vir *para salvação daqueles que aguardam ansiosamente por Ele* (vv.23-28).

^c Alguns mss. acrescentam [*a tenda santa*] *das santas* para harmonizar com o v.3.

^d Lit.: [*a tenda*] *Santa das Santas*, no sentido superlativo de *santíssima*.

^e *Tenda* é acrescento da tradução.

^f Lit.: *não sem sangue*.

^g Lit.: *pelas ignorâncias do povo*.

^h Lit.: *segundo a qual* [prefiguração].

ⁱ Lit.: *da carne* (semitismo).

^j Lit.: *para a purificação da carne*.

¹⁴quanto mais o sangue de Cristo – que, por meio do Espírito^k eterno, a si próprio se ofereceu imaculado a Deus – purificará a nossa consciência das obras mortas, para prestarmos culto ao Deus vivo!^l

¹⁵Por isso, Ele é o mediador de uma nova aliança, para que, tendo a sua morte acontecido para redenção das transgressões cometidas^m durante a primeira aliança, aqueles que são chamados recebam a herança eterna prometida. ¹⁶Pois, quando existe um testamentoⁿ, é necessário que se constate a morte do testador, ¹⁷visto que um testamento só tem valor depois da morte, não tendo efeito enquanto o testador é vivo. ¹⁸Por conseguinte, nem sequer a primeira aliança foi inaugurada sem derramamento^o de sangue. ¹⁹Com efeito, depois de Moisés ter proclamado a todo o povo cada um dos mandamentos, de acordo com a Lei tomou o sangue dos bezerros e dos bodes, juntamente com água, lã escarlata e hissopo, e aspergiu tanto o próprio livro como todo o povo, ²⁰dizendo: «Este é o sangue da aliança que Deus estabeleceu convosco»^p. ²¹Do mesmo modo, aspergiu com o sangue a tenda e todos os utensílios do culto. ²²Com efeito, segundo a Lei, quase todas as coisas são purificadas com sangue, e sem derramamento de sangue não há perdão^q. ²³Ora, se era forçoso que as coisas que são imagem das realidades celestes fossem purificadas por tais meios, também o era que as próprias realidades celestes fossem purificadas com sacrifícios superiores a estes. ²⁴De facto, Cristo não entrou num santuário construído por mãos humanas, que era uma prefiguração do verdadeiro, mas no próprio céu, para se apresentar agora na presença de Deus em nosso favor. ²⁵E não entrou para se oferecer muitas vezes, como o faz o sumo sacerdote que entra todos os anos no santuário com sangue alheio; ²⁶nesse caso, teria sido necessário que Cristo^r tivesse padecido muitas vezes desde a criação do mundo. Porém, foi agora, no fim dos tempos e de uma vez para sempre, que Ele se manifestou, a fim de destruir o pecado pelo sacrifício de si mesmo. ²⁷E como para os homens está estabelecido que morram uma só vez e que a seguir tenha lugar o julgamento^s, ²⁸assim também Cristo, depois de se ter oferecido de uma vez para sempre, a fim de tomar sobre si os pecados de muitos, aparecerá uma segunda vez, já não por causa do pecado, mas para a salvação daqueles que por Ele ansiosamente aguardam^t.

^k Alguns mss. acrescentam *Santo*.

^l Alguns mss. acrescentam *verdadeiro*.

^m *Cometidas* é acréscimo da tradução.

ⁿ A palavra grega *diathékē* é a mesma para *aliança* (vv.15.20) e para *testamento* (vv.16.17).

^o *Derramamento* é acréscimo da tradução.

^p Ex 24,8.

^q O AT apresenta outros meios para a remissão dos pecados: o jejum (Jl 2,12), a esmola (Dn 4,24) e o arrependimento (Sl 51,19).

^r Lit.: *Ele*.

^s Lit.: *depois disto, porém, julgamento*.

^t Lit.: *àqueles que o esperam para salvação*. Cf. Sir 50,5-10; alguns mss. acrescentam *por meio da fé*.

10^A ineficácia dos sacrifícios antigos

¹A Lei, de facto^a, por possuir apenas uma sombra dos bens futuros e não a verdadeira imagem das coisas, jamais^b poderá levar à perfeição aqueles que se aproximam do altar^c com os mesmos sacrifícios que se oferecem ano após ano. ²De outro modo, ao ficarem purificados de uma vez para sempre, não teriam aqueles que prestam culto deixado de oferecer sacrifícios, se, de facto, tivessem consciência de já não ter qualquer pecado?^d ³Pelo contrário: nesses sacrifícios faz-se memória, ano após ano, dos pecados, ⁴visto que é impossível que o sangue de touros e de bodes remova os pecados. ⁵Por isso, ao entrar no mundo, Cristo^e diz:

*«Não quiseste sacrifícios nem oblações,
mas preparaste-me um corpo.*

*⁶Não te agradaram holocaustos,
nem vítimas pelo pecado.*

*⁷Então Eu disse: “Eis que venho –
como está escrito no livro^f a meu respeito –
para fazer, ó Deus, a tua vontade”»^g.*

⁸Depois de ter dito: *«Não quiseste e não te agradaram nem sacrifícios, nem oblações, nem holocaustos, nem vítimas pelo pecado»* – coisas que são oferecidas segundo a Lei –, ⁹acrescenta: *«Eis que venho para fazer a tua vontade»*. Assim aboliu o primeiro culto^h, para estabelecer o segundo. ¹⁰Foi graças a essa vontade que, pela oblação do corpo de Jesus Cristo, feita de uma vez para sempre, fomos santificados.

Eficácia do sacrifício de Cristo

¹¹Todo o sacerdoteⁱ se apresenta, dia após dia, para celebrar o culto e oferecer várias vezes os mesmos sacrifícios, que jamais poderão eliminar os pecados. ¹²Cristo^j, porém, depois de oferecer um único sacrifício pelos pecados, *sentou-se* para sempre à direita de Deus, ¹³aguardando apenas *que os seus inimigos sejam postos como estrado dos seus pés*.^k ¹⁴Com efeito, com uma única oblação, Ele tornou perfeitos

^a Nos vv.10,1-10, recapitulam-se as afirmações sobre a perfeição e a eficácia do sacrifício de Cristo. Os sacrifícios do templo não podem obter o perdão dos pecados (vv.1-4), pelo que é Cristo que, pela sua encarnação, cumpre a profecia messiânica do Sl 40,6-9, estabelecendo o culto perfeito (vv.5-10).

^b Lit.: *para sempre jamais*.

^c *Altar* é acrescento da tradução.

^d Lit.: *não teriam porventura cessado de oferecer, por ninguém ter já consciência de pecados os que prestam culto, purificados uma vez*.

^e *Cristo* é acrescento da tradução.

^f Lit.: *na cabeça do livro*, expressão que originalmente se referia ao princípio ou à parte mais importante de um livro, mas que passou a designar o livro em si.

^g Sl 40,7-9.

^h *Culto* é acrescento da tradução.

ⁱ Vários mss. leem *sumo sacerdote*. Os vv.11-18 sublinham a razão da abolição do culto antigo: o sacrifício único e perfeito de Jesus, que perdoou os pecados de uma vez para sempre.

^j Lit.: *Este*.

^k Sl 110,1.

para sempre aqueles que foram santificados.¹⁵Disso também nos dá testemunho o Espírito Santo; de facto, depois de ter dito:¹⁶«Esta é a aliança que, depois daqueles dias, estabelecerei com eles», o Senhor diz: «Porei as minhas leis nos seus corações e gravá-las-ei nas suas mentes¹,¹⁷ e não mais me recordarei dos seus pecados e das suas iniquidades»^m.¹⁸Ora, onde há perdão dos pecados e das iniquidadesⁿ, já não há lugar para oblações pelo pecado.

A PERSEVERANÇA NA FÉ (10,19 – 13,19)

Apelo à perseverança no caminho da fé

¹⁹Portanto^o, irmãos, tendo nós, graças ao sangue de Jesus, plena confiança de entrar no santuário²⁰ por este caminho novo e vivo que Ele nos abriu através do véu, isto é, através da sua carne,²¹ e tendo um tão grande sacerdote à frente da casa de Deus,²² aproximemo-nos com um coração sincero e cheio de fé^p, purificados nos nossos corações^q de toda a espécie de má consciência e lavados, no corpo, pela água pura.²³Mantenhamos, sem vacilar, a confissão desta esperança, pois é fiel Aquele que fez a promessa.²⁴E prestemos atenção uns aos outros, no sentido de nos estimularmos ao amor e às boas obras;²⁵ não faltemos às nossas assembleias, como é costume de alguns, mas exortemo-nos mutuamente, tanto mais quanto vos ides apercebendo de que se aproxima o dia do Senhor^r.

²⁶Pois, se pecamos voluntariamente depois de termos recebido o conhecimento da verdade, já não nos resta qualquer sacrifício pelos pecados,²⁷ mas a aterradora expectativa do juízo e do furor do fogo que há de devorar os rebeldes.²⁸Quando alguém transgredir a lei de Moisés, é condenado à morte sem misericórdia, com base em duas ou três testemunhas^s.²⁹Ora, não julgais vós que merecerá um castigo muito pior aquele que tiver calcado aos pés o Filho de Deus, que tiver tratado como profano o sangue da aliança, pelo qual foi santificado, e que tiver ultrajado o Espírito da graça?³⁰Pois nós conhecemos Aquele que disse: «É minha a vingança; Eu darei a retribuição». E ainda: «O Senhor julgará o seu povo»^t.³¹É aterrador cair nas mãos do Deus vivo!

¹ Jr 31,33.

^m Jr 31,34.

ⁿ Lit.: onde [há] perdão destas coisas.

^o Os vv.19-39 são uma exortação tripartida: 1) a avançar, seguros, pelo caminho do santuário do céu, aberto por Cristo (vv.19-25); 2) a evitar o perigo da apostasia (vv.26-31), incomparavelmente superior à transgressão da lei de Moisés, sob pena de cair no inexorável juízo de Deus; 3) a recordar a fidelidade corajosa dos primeiros tempos, sabendo que a justiça de Deus não tarda (vv.32-39).

^p Lit.: em plenitude de fé.

^q Lit.: aspergindo os corações.

^r Do Senhor é acréscimo da tradução.

^s Dt 17,6.

^t Dt 32,35s; Sl 134,14 (LXX).

³²Recordai aqueles primeiros dias em que, depois de terdes sido iluminados, suportastes tão grandes e dolorosos combates, ³³ora expostos publicamente a injúrias e a tribulações, ora tornando-vos solidários com os que assim eram tratados.

³⁴De facto, compartilhastes o sofrimento dos prisioneiros e aceitastes com alegria a espoliação dos vossos bens, por saberdes que possuíis bens superiores e duradouros.

³⁵Portanto, não percais agora a vossa confiança, que terá uma grande recompensa.

³⁶Com efeito, é de perseverança que tendes necessidade, para que, ao cumprirdes a vontade de Deus, possais obter aquilo que foi prometido^a.

³⁷De facto, mais *um pouco, muito pouco,*
e Aquele que está para vir chegará e não tardará^b.

³⁸*O meu justo viverá pela fé,*
mas, se retroceder,
nele não se há de comprazer a minha alma^c.

³⁹Nós não somos daqueles que retrocedem para a sua perdição, mas daqueles que conservam a fé para a salvação da alma^d.

11 Louvor da fé dos antigos

¹A fé é o fundamento daquilo que se espera e a certeza das realidades que não se veem^e. ²Foi nela, de facto, que os nossos antepassados^f receberam o testemunho.

³Pela fé, sabemos que o universo^g foi formado pela palavra de Deus e que aquilo que é visível proveio do que é invisível.

⁴Pela fé, Abel ofereceu a Deus um sacrifício superior ao de Caím; por ela, recebeu o testemunho de que era justo, testemunho dado por Deus a respeito da sua oferenda; e é por ela que, mesmo depois de morto, ele continua a falar.

⁵Pela fé, Henoc foi arrebatado, para não ver a morte, e *não mais foi encontrado, porque Deus o arrebatou*; antes de ser arrebatado, recebeu o testemunho de que *tinha agradado a Deus^h*. ⁶Ora, sem a fé é impossível agradar-lhe, pois é necessário que quem se aproxima de Deus acredite que Ele existe e que recompensa aqueles que o procuram.

^a Lit.: *obter a promessa*.

^b Is 26,20; Hab 2,3.

^c Hab 2,4 (LXX).

^d Lit.: *nós não somos de retrocesso para perdição, mas de fé para conservação de alma*.

^e Depois do louvor à fé dos destinatários (10,39), e da descrição da relação desta com as promessas divinas, cujo cumprimento se aguarda na esperança (v.1), passa-se ao elogio da fé dos antepassados, fundamentando o que antes se afirmou (vv.2-38). No entanto, a plenitude da promessa apenas se cumpriu em Cristo, pelo que os cristãos tiveram melhor ventura do que os antigos, já que estes não puderam alcançar a perfeição antes dos cristãos e sem eles (vv.39s).

^f Lit.: *os anciãos*.

^g Cf. 1,2.

^h Gn 5,24 (LXX).

⁷Pela fé, Noé, prevenido por Deus acerca daquilo que ainda não era visível, construiu, com reverente temor, uma arca para salvar a sua família; pela sua fé, condenou o mundoⁱ e tornou-se herdeiro da justificação que se obtém pela fé^j.

⁸Pela fé, Abraão, quando foi chamado, obedeceu e partiu para um lugar que haveria de receber como herança; e partiu sem saber para onde ia. ⁹Pela fé, foi morar como estrangeiro para a terra prometida, habitando em tendas, com Isaac e Jacob, herdeiros com ele da mesma promessa, ¹⁰pois esperava a cidade bem alicerçada^k, cujo arquiteto e construtor é Deus.

¹¹Pela fé, também a Sara, embora estéril e já passada a idade, lhe foi dada a possibilidade de dar início a uma descendência, por ter considerado digno de fé quem lho tinha prometido. ¹²E foi por isso que de um só homem – e que já estava próximo da morte – nasceram descendentes tão numerosos como *as estrelas do céu e como a incontável areia da praia do mar*^l.

¹³Foi na fé que todos estes morreram, sem terem obtido o que fora prometido^m. Mas, vendo e saudando ao longe tais promessasⁿ, confessaram que eram estrangeiros e peregrinos sobre a terra. ¹⁴Ora, quem assim fala mostra claramente que está à procura de uma pátria. ¹⁵Com efeito, se tivessem continuado a lembrar-se da terra de onde tinham saído, teriam tido a oportunidade de a ela regressar. ¹⁶Mas eles ansiavam por uma pátria superior, isto é, pela pátria celeste. Por isso, Deus não se envergonha de ser chamado «o seu Deus». Foi Ele, de facto, quem lhes preparou uma cidade.

¹⁷Pela fé, Abraão, posto à prova, ofereceu Isaac; ele, que tinha recebido as promessas, estava pronto para oferecer o seu filho único, ¹⁸acerca do qual tinha sido dito: «Por Isaac terás uma descendência com o teu nome»^o. ¹⁹Ele considerava que Deus tinha poder até de ressuscitar os mortos; por isso, numa espécie de prefiguração^p, recuperou o filho.

²⁰Pela fé, Isaac, tendo em vista os bens futuros, abençoou Jacob e Esaú.

²¹Pela fé, Jacob, estando a morrer, abençoou cada um dos filhos de José e *prostrou-se apoiado na extremidade do seu bastão*^q.

²²Pela fé, José, no fim da vida, recordou o êxodo dos filhos de Israel e deu instruções acerca dos seus restos mortais^r.

ⁱ A fé de Noé *condenou o mundo*, no sentido em que evidenciou a incredulidade dos seus contemporâneos, que os levou à destruição.

^j Lit.: *da justiça segundo a fé*. Para o conceito de justiça/justificação, cf. Rm 1,17 nota.

^k Lit.: *a cidade que tem alicerces*.

^l Gn 22,17; 15,5.

^m Lit.: *não tomando as promessas*.

ⁿ *Tais promessas* é acrescido da tradução.

^o Gn 21,12 (LXX).

^p O sacrifício de Isaac é visto como uma referência tipológica à ressurreição de Jesus.

^q Gn 47,31 (LXX).

^r Lit.: *acerca dos ossos dele*.

²³Pela fé, Moisés, recém-nascido, foi escondido pelos seus pais durante três meses, porque viram que o menino era belo e não tiveram medo do decreto do rei.

²⁴Pela fé, Moisés, já adulto, negou-se a ser chamado filho da filha do faraó, ²⁵preferindo ser maltratado com o povo de Deus a desfrutar momentaneamente do pecado.

²⁶Ele considerou a injúria sofrida por Cristo^b uma riqueza maior do que os tesouros do Egito, pois tinha os olhos postos na recompensa.

²⁷Pela fé, deixou o Egito, sem temer a fúria do rei; de facto, manteve-se firme como se estivesse a ver Aquele que é invisível.

²⁸Pela fé, celebrou^c a Páscoa e fez a aspersão do sangue para que o anjo exterminador^d não ferisse os primogénitos de Israel^e.

²⁹Pela fé, atravessaram o Mar Vermelho, como se fosse terra seca, enquanto os egípcios foram engolidos pelas águas, quando o tentaram fazer^f.

³⁰Pela fé, caíram as muralhas de Jericó, depois de terem sido rodeadas durante sete dias.

³¹Pela fé, Raab, a prostituta, não morreu com os incrédulos, por ter acolhido pacificamente os exploradores.

³²E que mais poderei dizer? Faltar-me-ia o tempo se quisesse falar sobre Gedeão, Barac, Sansão, Jefté, David, e também sobre Samuel e os Profetas. ³³Por meio da fé, eles conquistaram reinos, exerceram a justiça, obtiveram o que lhes foi prometido^g, fecharam a boca de leões, ³⁴extinguiram a violência do fogo, escaparam do fio da espada, restabeleceram-se de doenças, tornaram-se fortes na guerra, puseram em fuga exércitos estrangeiros. ³⁵Houve até mulheres que recuperaram os seus mortos pela ressurreição. Outros, porém, foram torturados e recusaram a libertação, a fim de alcançar uma ressurreição superior. ³⁶Outros passaram pela experiência do escárnio e das chicotadas, e ainda das cadeias e da prisão; ³⁷foram apedrejados, serrados, mortos à espada^h, andaram errantes, cobertos de peles de ovelha e de cabra, desprovidos de tudo, atribulados, maltratados. ³⁸O mundo não era digno deles! Andaram perdidos por desertos e montanhas, por grutas e pelas cavernas da terra.

^a Alguns mss. acrescentam *pela fé, Moisés, quando cresceu, destruiu o Egito ao aperceber-se da humilhação dos seus irmãos.*

^b Referência ao Sl 89,51s, em que *cristo (ungido)* indica o povo de Israel consagrado a Deus (Ex 19,6), e a *injúria* evoca as humilhações por ele sofridas. O autor aplica esta passagem a Jesus.

^c Lit.: *fez.*

^d *Anjo* é acrescento da tradução. Cf. 1Cor 10,10 nota.

^e *De Israel* é acrescento da tradução.

^f *Pelas águas* é acrescento da tradução.

^g Lit.: *obtiveram as promessas.*

^h Lit.: *morreram no assassinio da espada.*

³⁹E todos eles, apesar de terem recebido um bom testemunho por meio da fé, não obtiveram o que tinha sido prometidoⁱ, ⁴⁰e isto porque Deus tinha previsto para nós um destino melhor, pelo que eles não deviam chegar sem nós à perfeição^j.

12^o exemplo de Jesus

¹Assim sendo^k, estando envolvidos por uma tal nuvem de testemunhas, corramos também nós com perseverança a prova que nos é proposta, pondo de parte tudo aquilo que nos estorva e o pecado que tão facilmente nos assedia, ²e colocando o olhar em Jesus, que é a origem da nossa fé e quem leva à perfeição. Renunciando à alegria que tinha ao seu alcance^l, Ele suportou a cruz, desprezando a ignomínia a que foi sujeito, e está sentado à direita do trono de Deus. ³Tende, pois, no vosso pensamento, Aquele que suportou tanta oposição contra si da parte dos pecadores, a fim de que as vossas almas não se deixem abater pelo desânimo.

⁴Vós ainda não resististes até ao sangue na luta contra o pecado. ⁵E esquecestes a exortação que vos é dirigida, como a filhos que sois:

*«Meu filho, não desprezes a correção do Senhor,
nem desanimes quando Ele te repreende;*

*pois o Senhor corrige aquele a quem ama,
e disciplina^m todo aquele que reconhece como filho»ⁿ.*

⁷É para vossa correção que sofreis, pois Deus trata-vos como filhos. De facto, qual é o filho a quem o pai não corrige? ⁸Se, pelo contrário, ficais excluídos daquela correção de que todos tomam parte, então é porque sois bastardos e não filhos. ⁹Além disso, tivemos os nossos pais terrenos^o, que nos corrigiam e a quem respeitávamos; não haveríamos de nos submeter, com muito mais razão, ao Pai dos espíritos, para termos a vida? ¹⁰Os nossos pais^p, com efeito, corrigiam-nos por pouco tempo e conforme entendiam, ao passo que Ele o faz, tendo em conta o que nos convém, a fim de podermos participar da sua santidade. ¹¹No momento em que se recebe, uma correção não é considerada como motivo de alegria, mas de tristeza. Mais tarde, porém, produz um fruto de paz e de justiça naqueles que por ela foram exercitados.

ⁱ Lit.: *não receberam a promessa.*

^j Texto de difícil interpretação, cujo sentido parece ser este: apesar da extraordinária fé demonstrada em tão duras circunstâncias, nenhum dos antigos teve a felicidade de ver o cumprimento das promessas messiánicas, embora viesse a beneficiar delas juntamente com os cristãos.

^k Nos vv.1-13, apresenta-se o caminho da fé como uma corrida – imagem desportiva usada também por Paulo (cf. 1Cor 9,24-27; Flp 3,12-14; 1Tm 6,12; 2Tm 2,5; 4,7). Nela importa sobretudo pôr os olhos no exemplo de Cristo, que tudo suportou até à glorificação (vv.1-4; cf. Flp 2,6-11; Heb 2,10). Os sofrimentos que Deus permite (vv.5s) devem ser vistos, no enquadramento do AT, como uma correção paterna (vv.7-13; cf. Jb 5,17-18; Pr 3,11s; 23,13s; Sb 3,5; 2Mac 6,12-16).

^l Lit.: *em vez da alegria que estava diante dele.*

^m Lit.: *chicoteia.*

ⁿ Pr 3,11s (LXX).

^o Lit.: *segundo a carne.*

^p Lit.: *eles.*

¹²Por isso, *fortalecei as vossas mãos inertes e os vossos joelhos vacilantes*^a, ¹³e *fazei caminhos retos para os vossos pés*^b, para que o coxo não coxeie mais, mas antes seja curado.

Procurar a santificação

¹⁴Procurai a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor^c.

¹⁵Estai vigilantes, para que ninguém fique sem a graça de Deus, e para que nenhuma raiz venenosa^d venha a brotar e a causar dano, fazendo com que muitos sejam contaminados por ela. ¹⁶Estai também vigilantes^e para que ninguém seja promíscuo ou profanador, como Esaú, que por um prato de comida vendeu os seus direitos de primogénito. ¹⁷Bem sabeis que mais tarde, quando ele quis receber a bênção em herança, apesar de a ter procurado em lágrimas, foi rejeitado, por não ser possível reverter a situação^f.

¹⁸Vós, de facto, não vos aproximastes de uma realidade tangível que ardia em fogo, nem da escuridão, das trevas ou da tempestade, ¹⁹nem do som da trombeta, nem daquela voz^g a quem os ouvintes suplicaram que não lhes falasse mais, ²⁰pois não podiam suportar o que lhes era ordenado: «*Até um animal, se tocar a montanha, será apedrejado*»^h. ²¹E aquilo que se via era tão aterrador, que Moisés exclamou: «*Estou apavorado*»ⁱ e a tremer^j.

²²Pelo contrário, vós aproximastes-vos do monte Sião, da cidade do Deus vivo, da Jerusalém celeste; de miríades de anjos, de uma reunião festiva, ²³da assembleia dos primogénitos inscritos nos céus; de Deus, juiz de todos; dos espíritos dos justos que alcançaram a perfeição; ²⁴de Jesus, mediador de uma nova aliança, e do sangue de aspersão, que fala mais eloquentemente do que o sangue de Abel^k.

²⁵Tende cuidado para não rejeitardes Aquele que vos fala; pois se aqueles não escaparam ao castigo^k, por terem rejeitado quem lhes transmitia os oráculos na terra, quanto menos escaparemos^l nós, se voltarmos as costas Àquele que dos céus nos fala, ²⁶cuja voz outrora abalou a terra, e que agora faz esta promessa^m: «*Eu farei tre-*

^a Is 35,3; Jb 4,3s.

^b Pr 4,26 (LXX).

^c Os vv.14-17 apresentam uma exortação à santificação (v.14), por contraposição ao exemplo de Esaú (vv.15-17; cf. Gn 25,24-34; 27,30-40), sem a nostalgia da antiga aliança do Sinai, baseada numa experiência, terrível e assustadora, da majestade esmagadora do Senhor (vv.18-21; cf. Ex 19,12-13; 20,18-21; Dt 9,19). Pelo contrário, a experiência cristã é a da proximidade de Deus e da intimidade com Ele (vv.22-24), o que implica um constante acolhimento da sua Palavra (v.25) que, transformando todas as coisas, as fez entrar nos tempos escatológicos, nos quais o cristão já participa (vv.26-29).

^d Lit.: *amarga*.

^e Lit.: *e também para que*.

^f Lit.: *lugar de mudança (metánoia)*.

^g O grego acrescenta *de palavras*.

^h Ex 19,13.

ⁱ Dt 9,19.

^j Lit.: *melhor falante do que o de Abel*.

^k *Ao castigo* é acrescento da tradução.

^l *Escaparemos* é acrescento da tradução.

^m O grego acrescenta *dizendo*.

*mer uma vez mais não só a terra, mas também o céu»ⁿ. ²⁷Esta expressão^o «uma vez mais» indica a transformação de tudo o que participa da instabilidade do mundo criado, para que permaneça o que é estável^p. ²⁸Por isso, nós, que recebemos um reino inabalável, conservemos a graça e, por meio dela, ofereçamos a Deus, com piedade e temor, um culto que lhe seja agradável, ²⁹pois o nosso *Deus é um fogo devorador*^q.*

13 Exortações finais

¹Que permaneça o amor fraterno!^r ²Não vos esqueçais da hospitalidade, pois foi graças a ela que alguns, sem o saberem, hospedaram anjos. ³Recordai-vos dos prisioneiros, como se estivésseis presos com eles, e dos que são maltratados, pois também vós tendes um corpo^s. ⁴O matrimónio seja honrado por todos, e que o leito conjugal não seja manchado, pois Deus julgará os promíscuos e os adúlteros. ⁵Que não seja o amor ao dinheiro a guiar a vossa conduta^t; contentai-vos com o que tendes. Pois Deus^u disse:

«*Jamais te deixarei, jamais te abandonarei!*»^v».

⁶Assim, confiantes, poderemos dizer:

«*O Senhor é o meu auxílio, nada temerei;
que poderão fazer-me os homens?*»^w»

⁷Lembrai-vos daqueles que vos guiam e que vos anunciaram a palavra de Deus; observando atentamente o êxito da sua conduta, imitai a sua fé. ⁸Jesus Cristo é o mesmo, ontem, hoje e para sempre. ⁹Não vos deixeis levar por ensinamentos diferentes e estranhos, pois o que é bom é fortalecer o coração com a graça e não com normas sobre os alimentos, que em nada aproveitaram àqueles que as observaram^x. ¹⁰Nós temos um altar, do qual não têm direito a comer aqueles que prestam culto na tenda da antiga Lei^y. ¹¹Com efeito, os corpos dos animais, cujo sangue é levado

ⁿ Ag 2,6.

^o *Expressão* é acrescento da tradução.

^p Lit.: *indica a transposição das coisas abaladas, como feitas, para que permaneçam as não abaladas.*

^q Dt 4,24; Is 33,14.

^r Nos vv.1-19 tem lugar uma série de exortações finais que concretizam o *culto agradável a Deus* que acaba de ser proposto (v.12,28): o amor fraterno (vv.1-3), a castidade (v.4), o desapego dos bens e a confiança na providência divina (v.5-7), a fidelidade ao anúncio recebido (vv.8s) e ao culto estabelecido por Jesus (vv.10-16), o que é garantido pela obediência aos responsáveis da comunidade (v.17). O autor termina afirmando a sua convicção naquilo que acaba de explicar e pedindo a oração da comunidade (vv.18s).

^s Lit.: *[vós] próprios sendo num corpo.*

^t Lit.: *sem amor ao dinheiro [seja a vossa] conduta.*

^u Lit.: *Ele.*

^v Dt 31,6.8.

^w Sl 117,6 (LXX).

^x Lit.: *e não com alimentos, com os quais não foram ajudados os que caminhavam*; referência às regras sobre os alimentos impuros, problema muito sentido nas comunidades cristãs de origem judaica (cf. Gl 2,11-14; 1Cor 8,1-13; 10,14-31; Rm 14; Cl 2,16-23; 1Tm 4,3-5). Já em 9,9s esta questão tinha sido colocada no contexto do culto sacrificial antigo.

^y *Da antiga Lei* é acrescento da tradução. Referência à *tenda do encontro* (cf. 8,2 nota).

pelo sumo sacerdote ao santuário para a expiação dos pecados^a, são queimados fora do acampamento. ¹²Por isso, também Jesus, para santificar o povo por meio do seu próprio sangue, padeceu fora das portas da cidade^b. ¹³Por conseguinte, saímos ao seu encontro, para fora do acampamento, carregando a injúria que Ele sofreu^c, ¹⁴pois não temos aqui uma cidade permanente, mas procuramos a cidade que está para vir. ¹⁵Por meio dele ofereçamos continuamente a Deus um sacrifício de louvor, isto é, que seja fruto dos lábios que confessam o seu nome.

¹⁶Não vos esqueçais de fazer o bem e de partilhar com os outros, pois são esses os sacrifícios que agradam a Deus.

¹⁷Obedecei àqueles que vos guiam e sede-lhes dóceis, pois eles velam pelas vossas almas, das quais terão de prestar contas; isto para que o façam com alegria e sem se queixarem, pois tal não vos seria vantajoso.

¹⁸Rezai por nós; estamos convencidos de que estamos de consciência tranquila, por desejarmos proceder bem em tudo; ¹⁹mas exorto-vos com maior insistência a que o façais, a fim de que eu vos seja restituído mais depressa.

EPÍLOGO (13,20-25)

Bênção e saudação final

²⁰O Deus da paz, que ressuscitou dos mortos Aquele que, pelo sangue de uma aliança eterna, é o grande pastor das ovelhas, nosso Senhor Jesus^d, ²¹vos torne perfeitos em todo o bem, para fazerdes a sua vontade. Que Ele realize em nós o que lhe é agradável, por meio de Jesus Cristo. A Ele a glória pelos séculos dos séculos! *Ámen.*

²²Peço-vos^e, irmãos, que aceiteis esta palavra de exortação, que de forma sucinta vos dirigi. ²³Sabei que o nosso irmão Timóteo foi posto em liberdade; se ele chegar em breve, é na sua companhia que irei visitar-vos. ²⁴Saudai todos aqueles que vos guiam e todos os santos^f. Os da Itália saúdam-vos. ²⁵A graça esteja com todos vós.

^a Lit.: *para os pecados.*

^b *Da cidade* é acrescento da tradução. Evoca-se o ritual do *Yom Kippur*, no qual, depois de o sumo sacerdote aspergir com o sangue das vítimas o Santo dos Santos, o corpo destas era levado para fora da cidade e queimado (Lv 16,27). Jesus, por sua vez, também levado para fora da cidade, é aí sacrificado, santificando o povo com o seu sangue. Por isso, o verdadeiro culto acontece já não no templo, mas no santuário celeste, cujo caminho foi aberto por Jesus e onde Ele se encontra (v.13s).

^c Lit.: *levando o insulto dele.*

^d Ou *o Deus da paz que, pelo sangue de uma aliança eterna, ressuscitou dos mortos o grande pastor de ovelhas, nosso Senhor Jesus...* Alguns mss. apresentam *nosso Senhor Jesus Cristo.*

^e Em grego, o mesmo verbo do v.19 (*exorto-vos*).

^f I.e. os batizados.